

34º Encontro Anual da ANPOCS

ST 37 - VIOLÊNCIA, CRIMINALIDADE E JUSTIÇA CRIMINAL

A relação entre o comércio do crack e a violência urbana na região metropolitana de Belo Horizonte¹

Luis Flavio Saporì (PUC-Minas)

Lucia Lamounier Sena (PUC-Minas)

Braulio Figueiredo Alves da Silva (UFMG)

¹ Esse paper é resultado de pesquisa financiada pelo CNPq e que teve por objetivo compreender os mecanismos sociais e simbólicos envolvidos na relação entre o tráfico do crack e a disseminação da violência, bem como aqueles envolvidos no consumo compulsivo dessa substância e os tratamentos e serviços de atenção ao usuário, na região metropolitana de Belo Horizonte. A pesquisa foi realizada no período de dezembro/2008 a julho/2010.

1. A RELAÇÃO ENTRE DROGAS E VIOLÊNCIA

Importante vertente de estudos na sociologia do crime tem como foco o impacto das drogas ilícitas na dinâmica da criminalidade. Apesar da crença disseminada de que drogas ilícitas e violência, em especial homicídios, estejam intimamente conectadas, ainda temos muito a avançar na coleta de dados empíricos como também na elaboração de teorias que proporcionem compreensão mais apurada da dinâmica do fenômeno. Mesmo na sociologia norte americana, que tem se debruçado sobre o tema desde a década de 1970, os estudos realizados sugerem uma forte relação entre drogas e homicídios, mas são incompletos no sentido de explicar tanto a natureza como a direção causal dessa relação. (GOLDSTEIN et al 1997)

No Brasil, a partir da década de 1980, autores como Alba Zaluar, Michel Misse, Luiz Eduardo Soares, Ignácio Cano, Gláucio Soares, entre outros, realizaram trabalhos empíricos referenciais sobre os mecanismos sociais associados ao mercado ilegal de drogas e a resposta das políticas de segurança pública para desmantelá-lo ou para atenuar a violência a ele correlacionada. A rica e variada produção científica dessa *intelligentsia* carioca acabou por conformar e pautar a interpretação do fenômeno 'tráfico de drogas' na sociedade brasileira, influenciando as pesquisas em outros centros.

Importante controvérsia que persiste e perpassa os estudos brasileiros e norte americanos diz respeito ao real impacto que o comércio e consumo de drogas ilícitas teria na incidência dos homicídios e outros crimes violentos ao longo do tempo. Inúmeros estudos empíricos buscam apontar as causas da criminalidade mediante análise de dados de criminalidade ou violência frente a séries históricas de registros oficiais das organizações policiais. De uma maneira geral, as análises temporais dispostas em longas séries históricas de crimes oferecem duas situações particulares com respeito a tendências, por um lado, momentos de crescimento ou explosão da criminalidade e, por outro lado, situações em que se observa a redução dos números absolutos. Em ambos os casos, a questão geral por trás dos estudos é identificar os fatores que explicam tal tendência.

Muitas explicações de porque os homicídios crescem ou diminuem imputam essas variações às influências de fatores exógenos. O crescimento pode ser devido ao aumento da população jovem e a queda, por exemplo, pode ser considerada o resultado de condições econômicas favoráveis. Não obstante as distintas possibilidades de se compreender o fenômeno da criminalidade à luz das abordagens teóricas diversas, pesquisadores têm

apontado a necessidade de desagregar as categorias gerais de crimes, como os homicídios, em subtipos “homogêneos” para melhor analisar os padrões e comportamentos específicos de cada tipo de crime. Ou seja, muitos estudos procuram detalhar a relação entre vítima e autor dos casos de homicídios para uma melhor compreensão das características situacionais de sua ocorrência. Outras possibilidades de desagregação dos crimes de homicídios podem ser referentes à presença de álcool ou drogas no organismo das vítimas, local e horário de ocorrência e motivação do crime. O fator tráfico de drogas é incorporado, então, como possível variável explicativa da dinâmica da violência.

Nesse sentido, a drástica redução dos homicídios na cidade de Nova York na década de 1990 tem sido explicada por alguns estudiosos como resultado de mudanças substantivas no mercado das drogas ilícitas. Tal idéia é contestada por especialistas que enfatizam o papel de importantes mudanças ocorridas na atuação da polícia. (MESSNER et al 2007; ZIMRING, 2007)

Outro *case* que tem provocado rica polêmica é a notável redução dos homicídios no estado de São Paulo na primeira década desse milênio. Diversos fatores sociais são apontados como possíveis explicações para esse fenômeno sem precedentes na sociedade brasileira. Mudanças na estrutura demográfica da população, alterações na política de aprisionamento ou mesmo nas metodologias de ação policial são as explicações mais recorrentes. Não se descarta, contudo, a possibilidade de que parte dessa redução da violência no estado esteja relacionada a mudanças no gerenciamento dos conflitos advindos do tráfico de drogas por parte do Primeiro Comando da Capital.

A relação drogas/violência foi objeto de sistematização teórica em artigo referencial de Goldstein (1985). Segundo o autor, os homicídios decorrentes do consumo e do comércio de drogas podem ocorrer em três contextos distintos:

a) **efeitos psicofarmacológicos das drogas**, de modo que após a ingestão da droga, alguns indivíduos podem se tornar irracionais ao ponto de agirem de forma violenta. A violência psicofarmacológica pode resultar também da irritabilidade associada a síndromes de substâncias que causam dependência química. Além disso, o uso da droga pode contribuir para que o indivíduo comporte-se violentamente como também pode alterar seu comportamento de tal maneira a aumentar seus riscos de vitimização;

b) **formação de compulsão econômica**, que deve ser compreendida como o potencial que a dependência da droga tem na incidência de crimes contra o patrimônio. Alguns usuários de drogas são compelidos a se engajarem em atividades criminosas, perpetrando roubos e furtos, para obterem recursos econômicos necessários ao financiamento do consumo contumaz. Em

diversas situações, onde há reação das vítimas, ou descontrole emocional do criminoso, podem ocorrer homicídios;

c) **violência sistêmica**, que está relacionada à dinâmica do comércio das drogas, especialmente as drogas ilícitas. Incluem-se aqui disputas territoriais entre traficantes rivais, afirmação de códigos de condutas no interior dos grupos de traficantes, eliminação de informantes, punições por adulteração de drogas, punições por dívidas não pagas, entre outros conflitos que emergem no processo de comercialização do produto.

Outro tipo de conexão entre drogas e violência é proposto por Blumstein(1995), incorporando os efeitos sociais mais amplos do comércio das drogas ilícitas. O autor o qualifica como **efeito de desorganização da comunidade**, incluindo as maneiras através das quais as normas e padrões de conduta características do tráfico de drogas acabam por influenciar as atitudes e comportamentos de outros indivíduos que não têm envolvimento direto com a venda ou consumo da droga. A solução violenta de conflitos do cotidiano tende a incorporar o recurso à violência física, fomentando um contexto social de cunho hobbesiano.

Foi exatamente o autor acima citado quem primeiro realizou um estudo sobre o impacto do mercado de drogas ilícitas, especificamente o crack, no engendramento de uma epidemia de homicídios que atingiu segmentos juvenis empobrecidos nas grandes cidades norte americanas entre meados da década de 1980 e meados da década de 1990. Esse estudo é considerado paradigmático por todos os que o sucederam, apresentando uma sistematização teórica consistente acerca dos mecanismos sociais envolvidos na relação entre tráfico do crack e homicídios. (MESSNER,2007)

Blumstein argumenta que a epidemia de homicídios que assolou a sociedade norte americana pode ser explicada por dois processos conectados, quais sejam, a emergência e difusão do mercado do crack em diversas cidades e a difusão do uso de armas de fogo por amplos contingentes de jovens nessas mesmas cidades. O crack foi introduzido nos EUA em tempos distintos e em diferentes partes do país a partir dos primeiros anos da década de 1980, atingindo maior intensidade nas grandes cidades, como Nova York e Los Angeles, por volta de 1985. Uma importante característica do crack é seu baixo preço, o que permitiu a formação de amplo mercado consumidor oriundo de classes mais empobrecidas. A lucratividade da venda da droga, segundo o autor, é acentuada pelo fato de que o usuário fazia várias transações comerciais diárias para adquirir o produto. De modo a se ajustarem à demanda crescente, os traficantes começaram a recrutar grande número de jovens negros e pobres, residentes em bairros com pouca oferta de opções de trabalho no mercado formal, para atuarem com vendedores da droga. Tais jovens, assim como quaisquer outros

participantes do mercado de drogas ilícitas, buscaram nas armas de fogo um instrumento de auto proteção, dado que passaram a atuar em contexto social bastante conflitivo e pautado pelo uso constante da violência física. Eles foram impelidos a proverem sua própria segurança mediante o uso intensivo da arma de fogo.

Mas o engendramento da epidemia de homicídios não se limitou a tal processo tipicamente associado à dinâmica do tráfico do crack. A crescente aquisição e utilização de armas de fogo pelos jovens envolvidos com o tráfico de drogas acabaram por se espriar para além de seus limites. O uso de armas de fogo foi difundido para outros jovens que compunham a rede de relações dos ‘jovens do tráfico’, ou seja, outros jovens que iam às mesmas escolas e freqüentavam as mesmas redondezas. Passaram a usar armas de fogo não apenas para auto defesa, como também porque a arma de fogo transformou-se em símbolo de status social nas comunidades onde residiam. A partir daí inicia-se um ciclo vicioso, de modo que quanto mais armas apareciam na comunidade, maior era o incentivo para que qualquer indivíduo procurasse se armar, potencializando a letalidade na resolução de conflitos diversos do cotidiano. (BLUMSTEIN,1995;28-30)

Outro estudo relevante sobre o tema foi realizado por Goldstein et al (1997). Examinaram a relação entre homicídios e uso e tráfico do crack na cidade de Nova York durante o ano de 1988, considerado o pico da epidemia de homicídios que atingiu a cidade entre 1985 e 2003. Analisaram uma amostra de 414 homicídios, obtendo evidências consistentes acerca da relação entre drogas e violência, na perspectiva da violência sistêmica. Mais da metade da amostra de homicídios estudada (52 %) estava relacionada às drogas. Por sua vez, a maioria de tais homicídios (65 %) envolveu o crack e não foram causados diretamente pelos efeitos farmacológicos da droga. O autor constata que três quartos de tais homicídios foram motivados por conflitos relativos ao mercado ilícito da droga, sendo mais comum a disputa territorial entre comerciantes rivais do crack e entre comerciantes e usuários. Goldstein conclui que a elevada intensidade da violência sistêmica envolvida no comércio do crack deve-se às suas características singulares. O mercado do crack é bastante instável, favorecendo a participação de grande número de pequenos empreendedores. Dado que a droga pode ser facilmente produzida, muitos indivíduos relativamente empobrecidos, com poucas opções na economia formal, acabam por inserir nesse mercado ilícito transformando-se em comerciantes de pequena escala. Alguns deles são independentes de organizações criminosas estabelecidas como também de controles normativos de hierarquias criminosas tradicionais. São pequenos comerciantes em um mercado pautado por constantes disputas e conseqüente violência. Em uma esquina, por exemplo, dois ou mais vendedores

do crack podem estar competindo pelos mesmos clientes e lucros. Comerciantes e usuários da droga, conseqüentemente, interagem num ambiente ilícito altamente volátil no qual disputas e conflitos diversos não podem ser resolvidos pela legalidade, senão pelo recurso da força física. Nesse tipo de contexto comercial, os empreendedores aprendem desde cedo que para seu sucesso e sobrevivência dependem do manuseio de armas de fogo. Isso acaba gerando um ciclo vicioso, levando a uma escalada sem limites de aquisição e uso freqüente de armas de fogo e conseqüente aumento da letalidade dos conflitos surgidos no comércio da droga.

2. CRACK E VIOLÊNCIA EM BELO HORIZONTE ²

Em Belo Horizonte, a comercialização de drogas ilícitas caracterizou-se, até meados da década de 1990, pela prevalência da maconha e a cocaína.

“.. já na década de 1990 até meados de 94, 95, muita maconha e muita cocaína e pouco crack. Não tínhamos ainda a chegada do crack em nosso estado. Quando vim para Belo Horizonte já da divisão de Tóxicos e Entorpecentes em 1995 começamos a fazer apreensões também de maconha, cocaína, LSD, algumas apreensões de LSD que era novidade na época, e fizemos também quando começou a surgir o crack. “ (Delegado, Chefe da Divisão de Tóxicos e Entorpecentes de Minas Gerais)

Com a entrada do crack em Belo Horizonte, a partir de 1995, o mercado das drogas ilícitas começa a se alterar. A partir desta data, na Pedreira Prado Lopes, tradicional favela da cidade, a nova droga é oferecida ao consumidor da capital. Oriundo de São Paulo, o crack chega a Belo Horizonte e passa a ser comercializado por uma quadrilha chefiada pela família Peixoto na favela Prado Lopes.

“ Primeiro porque lá tinha um tráfico mais estruturado, desde a época do pai do Roni Peixoto (também o avô dele era traficante). O Roni, na década

² A análise realizada nesse item utilizou como base empírica cinco entrevistas semi estruturadas realizadas com policiais civis que trabalham no Departamento de Tóxicos e Entorpecentes de Belo Horizonte

de 90, exercia esse domínio absoluto da pedreira (na pedreira não se tinha Homicídios, era tranqüilo). Porque não havia disputa de gangues, o Roni de certa forma estabilizava, na década de 90, a questão do homicídio, essa questão da violência letal no aglomerado. E enxergando esse potencial, em São Paulo, ele trouxe, e ele recepcionou essa droga dentro da sua estrutura do tráfico.” (Agente de Polícia que trabalha no setor de inteligência do Departamento de Tóxicos e Entorpecentes)

Nos últimos anos, contudo, a produção do crack e sua comercialização no atacado passam a se dar no próprio estado de Minas Gerais. Proliferam os laboratórios clandestinos que compram a pasta base, o sulfato de cocaína, e dela extraem a cocaína em pó e a cocaína em pedra, que é o crack.

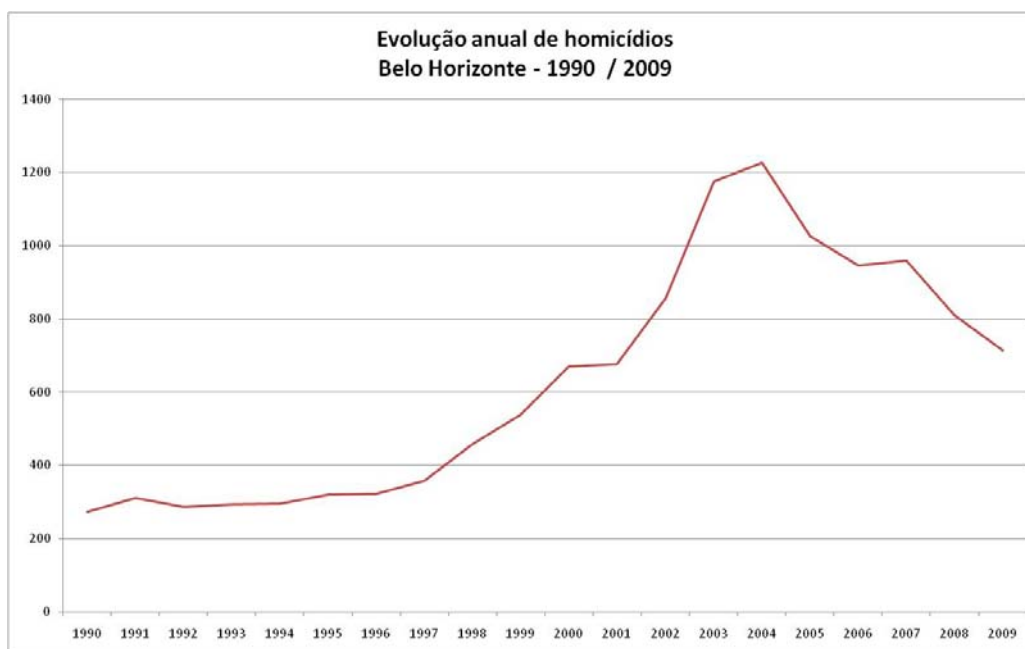
Fizemos uma apreensão enorme no mês passado, em Belo Horizonte, na Pedreira Prado Lopes, foi até divulgado agora, sexta-feira. Aonde foram apreendidos 6 quilos de crack, já destinados à venda, envolvidos e embalados separadamente em saquinhos, cada saquinho com aproximadamente 10 e 20 pedrinhas, já condicionados à venda. Ou seja, a pessoa que fabricou, que tava fabricando aqui próximo, no bairro Riacho das Pedras. (Delegado)

2.1 A epidemia de homicídios em Belo Horizonte

Os dados do gráfico 1 representam a dinâmica temporal dos homicídios na cidade de Belo Horizonte num período de 20 anos. Como se pode observar, a capital mineira vivencia patamares relativamente baixos de homicídios no início da série, com cerca de 300 homicídios por ano, alcança o nível mais elevado de ocorrências no ano de 2004, com mais de 1200 mortes e retorna, no ultimo ano da série, a valores significativamente inferiores ao período de “pico” vivenciado cinco anos antes.

A observação mais atenta do gráfico nos permite, da mesma forma, subdividi-lo em três momentos bem distintos. Um primeiro momento que pode ser definido por “evolução estável”, indo de 1990 a 1996. Um segundo momento de crescimento consecutivo dos números absolutos de mortes em Belo Horizonte, entre os anos de 1997 e 2004, e que pode ser considerado como um período de “deterioração gradativa” e, por fim, o momento de reversão de tendência ou “evolução negativa” que se inicia no ano de 2005 até o ultimo ano dos dados disponíveis.

Gráfico 1 – Evolução anual de homicídios em Belo Horizonte



Essa dinâmica verificada ao longo dos anos nos leva a acreditar que tenha havido um fenômeno muito peculiar na capital, sobretudo no período denominado como “deterioração gradativa”. Deparamo-nos, então, com fortes evidências de uma relação entre o início deste período de deterioração e o processo de entrada e disseminação do comércio e uso do “crack” em Belo Horizonte, conforme demonstrado no item anterior. O comércio ilegal do crack em Belo Horizonte instala-se, inicialmente, em um aglomerado urbano, como foi o caso da Pedreira Prado Lopes, cria um mercado consumidor e, posteriormente, vai se propagando para outras localidades.

2.2 As motivações dos homicídios

Nossa hipótese é a de que o recrudescimento dos homicídios em Belo Horizonte, particularmente no período de 1997 a 2004, esteve relacionado à consolidação do tráfico do crack na cidade. A fim de explorar elementos que estão além da cifra anual dos registros de mortes violentas, procuramos analisar uma amostra de 673 inquéritos de homicídios ocorridos na cidade de Belo Horizonte, entre os anos de 1993 e 2006³. Este

³ Trabalhamos, neste artigo, com uma amostra aleatória simples de inquéritos a que tivemos acesso na Delegacia de Crimes Contra a Vida – DCCV – da Polícia Civil de Minas Gerais.

total compreende aproximadamente 7,3% dos homicídios registrados na cidade no mesmo período de acordo com os dados apresentados no gráfico 1 e implica numa média anual de 50 inquéritos analisados.

Faz-se necessário ressaltar que, em tese, para cada um dos registros de homicídio, a Polícia Civil, por meio da Delegacia de Crimes Contra a Vida, instaura um inquérito policial mediante o qual informações sobre a vítima como sexo, idade, local de residência, provável autoria e motivação são constantes no documento. Todos esses elementos estão resumidos do Relatório Final do Inquérito Policial, cuja cópia tem sido arquivada pela DCCV. Foi exatamente a tais cópias que tivemos acesso.

A fim de testar a hipótese deste estudo, coube-nos a leitura de cada uma das peças documentais que compõem o referido inquérito, procurando-se distinguir a motivação principal que provavelmente levou o indiciado a cometer o crime. Diante das possíveis motivações observadas pelas análises, chegamos ao agrupamento de categorias, de acordo com a tabela a seguir:

Tabela 1 – Motivação relacionada ao crime de Homicídio

Motivação	Frequência	Percentual
Conflitos relacionados ao comércio de drogas ilícitas	124	18,48
Conflitos relacionados a vingança / acerto de contas	92	13,71
Conflitos nas relações afetivas	78	11,62
Conflitos oriundos de discussões em bares ou similares	55	8,20
Outras motivações	263	39,20
Indefinido	61	8,79
Total	673	100

Fonte: DCCV – Tabulação própria

Cada caso no banco de dados foi diferenciado entre aqueles cuja motivação foi devido ao conflito relacionado comércio de drogas ilícitas (N=124 ou 18,5%) e outras motivações (N=549 ou 81,5%). Da mesma forma, dividimos a ocorrência dos homicídios em três momentos distintos: a) antes da entrada e início do crack em Belo Horizonte, entre os anos de 1993 a 1996; b) explosão do mercado ilegal do crack em

Belo Horizonte, entre os anos de 1997 a 2004 e, c) período seguinte à explosão do crack em Belo Horizonte, 2005 em diante. A tabela a seguir apresenta a distribuição da principal motivação dos homicídios analisados por período considerado neste artigo.

Tabela 2 – Distribuição das motivações por período

Período		Motivação Principal		
		Outras	Drogas ilícitas	Total
de 1993 a 1996	frequência	165	15	180
	%	91,7%	8,3%	100,0%
de 1997 a 2004	frequência	316	75	391
	%	80,8%	19,2%	100,0%
de 2005 a 2006	frequência	68	34	102
	%	66,7%	33,3%	100,0%
Total	frequência	549	124	673
	%	81,6%	18,4%	100,0%

Fonte: DCCV – Tabulação própria

Os dados deste artigo apresentam uma grande semelhança com aqueles utilizados em diversos estudos epidemiológicos nos quais se busca conhecer a relação entre uma ou mais variáveis que refletem a exposição e a doença (o efeito). No caso em particular deste artigo, gostaríamos de conhecer a probabilidade de ocorrência de um homicídio cuja motivação está relacionada a drogas ilícitas conhecendo-se o período de exposição, no nosso caso, um dos três momentos considerados.

A relação de causa e efeito entre variáveis pode ser verificada utilizando-se de inúmeros métodos estatísticos. Tradicionalmente, estudos quantitativos em sociologia têm se baseado na modelagem de dados por meio de uma técnica conhecida como regressão que permite explorar e inferir a relação entre uma variável dependente (variável resposta) com uma ou mais variáveis independentes específicas (variáveis explicativas). Neste estudo, usaremos o modelo de regressão logística para medir o grau de associação existente entre os períodos considerados e a incidência de homicídios cuja motivação é devida a drogas ilícitas. A função logística se aplica a problemas desta natureza por que varia entre 0 e 1 e o modelo estatístico por trás desta função calcula a

probabilidade do efeito (o período) sobre a causa (os homicídios por drogas ilícitas) pela seguinte fórmula:

$$p(x) = \frac{1}{1 + e^{-(B_0 + B_1x)}}$$

Onde os termos β_0 e β_1 representam parâmetros desconhecidos que serão estimados com base nos dados amostrais dos inquiridos policiais. Desta forma, ao estimar esses parâmetros será possível calcular a probabilidade de ocorrência de homicídio devido a drogas ilícitas para cada um dos períodos representados por uma variável *dummy*⁴. Neste artigo, também usaremos como variável independente a informação da utilização da arma de fogo para o cometimento do homicídio de modo a estimarmos a probabilidade de que o homicídio venha ser cometido com utilização de arma de fogo, comparado com todos os outros meios utilizados. Assim, nosso modelo estatístico pode ser descrito da seguinte maneira:

$$p(HDI) = 1 / 1 + e^{-(\beta_0 + \beta_{p2} + \beta_{p3} + \beta_{AF})}$$

Onde, $p(HDI)$ é a probabilidade que ocorra um homicídio cuja motivação é devida a drogas ilícitas, β_0 é o intercepto, β_{p2} (P2) é a estimativa para o período dos anos de 1997 a 2004, β_{p3} (P3) é a estimativa para o período dos anos de 2005 e 2006 e, β_{AF} (AF) é a estimativa para homicídios cometidos com utilização de arma de fogo. Além disso, uma das grandes vantagens do modelo de regressão logística é que cada coeficiente estimado fornece uma estimativa do logaritmo natural (LN) do *odds ratio* para todas as variáveis do modelo. Em outras palavras, é possível obter a razão das chances (*odds ratio*) para cada co-variável que é definida como a probabilidade de que um evento ocorra dividido pela probabilidade que o evento não ocorra. Deste modo, o efeito das variáveis independentes no modelo são apresentados na tabela a seguir⁵:

⁴ Variável *dummy*, ou de referência, é uma variável que assume o valor 0 ou 1 no modelo.

⁵ A análise estatística dos modelos de regressão logística foi feita com a utilização do software Stata® versão 10.0

Tabela 3 – Efeito dos períodos e da presença da arma de fogo sobre os homicídios

Regressão logística: efeito do tempo e presença de AF sobre homicídios relacionados ao crack						
	Coef.	Erro Padrão	z	P> z	Intervalo de Confiança de 95%	
Intercepto	-3,217752	0,3407238	-9,44	0,000	-3,885558	-2,549946
P2	0,837431 (2,310424)	0,3032069 (0,7005364)	2,76	0,006	0,2431565 (1,275268)	1,431706 (4,185832)
P3	1,54498 (4,687876)	0,3483744 (1,633136)	4,43	0,000	0,8621783 (2,368314)	2,227781 (9,279251)
AF	1,265869 (3,546174)	0,2673139 (0,9479415)	4,74	0,000	0,7419438 (2,100014)	1,789795 (5,988224)
* Os valores do <i>odds ratio</i> estão apresentados entre parênteses						

Porque os coeficientes são estatisticamente significativos ($P < 0,05$), verifica-se a existência do efeito das variáveis independentes sobre a ocorrência de homicídios decorrentes de conflitos relacionados ao comércio ilegal de crack em Belo Horizonte. Considerando os resultados do Odds Ratio, pode-se afirmar que as hipóteses desse trabalho se confirmam, isto é, tanto no período da disseminação do crack em Belo Horizonte (P2 no modelo), que vai de 1997 a 2004 e no período imediatamente posterior a este (P3 no modelo), que vai de 2005 a 2006, a probabilidade de homicídios devido a drogas ilícitas aumenta consideravelmente.

No caso do período de 1997 a 2004, as chances de que ocorram homicídios devido a conflitos relacionados a drogas ilícitas é 2,31 vezes maior comparado ao período de 1993 a 1996. Isto é o mesmo que dizer que a sua *odds ratio* aumentou 131% neste período considerado o marco da entrada e disseminação do crack no mercado de drogas ilícitas em Belo Horizonte.

Essa mesma análise pode ser feita comparando-se os coeficientes do período considerado como posterior à entrada do crack no mercado de drogas em Belo Horizonte (P3), que vai de 2005 e 2006, com o primeiro período, de 1993 a 1996. Não obstante, comparando-se os coeficientes relativos aos anos de 2005 e 2006 (P3) com o período de 1997 a 2004 (P2) verifica-se um incremento na ordem de 200% na *odds ratio* de que os homicídios nos últimos anos desta análise se devam a conflitos relativos ao mercado de drogas ilícitas a partir da inserção do crack na cidade.

Por fim, esse modelo logístico evidencia a forte presença da arma de fogo nos homicídios ocorridos na cidade. As chances de que uma morte desta natureza seja cometida por arma de fogo é 3,5 vezes maior que se tenha o mesmo crime cometido por algum outro instrumento.

Desta forma, elaboramos um modelo estatístico no qual os resultados significativos corroboram nossas hipóteses acerca dos homicídios na cidade de Belo Horizonte a partir da entrada do crack no mercado ilegal de drogas. A metodologia utilizada estimou parâmetros que dão a dimensão da mudança para o período como um todo. Desta forma, a probabilidade de um homicídio devido a conflito de drogas ilícitas é a mesma em 1º de janeiro de 1997 e em 31 de dezembro de 2004⁶.

Por conta deste fator, procuramos implementar uma modelagem que consiga captar o efeito do tempo na motivação dos homicídios de uma forma menos compartimentada. Para tanto, estimamos um modelo logístico cuja variável independente “tempo” não mais represente períodos previamente definidos, mas os dias sequenciais contados desde a data do primeiro inquérito amostrado na pesquisa. Essa variável contínua “tempo” foi normalizada, tomando como referencia o valor 0 (zero), o primeiro dia do ano de 1997, que é o momento que, em tese, se deu a disseminação do crack no mercado de drogas ilegais na cidade de Belo Horizonte. Assim, valores negativos representam o tempo, em dias ou anos, anterior ao crack na cidade de Belo Horizonte e valores positivos representam o tempo posterior a entrada desta droga na cidade.

Hipoteticamente, assumimos que comparado ao momento inicial da entrada do crack no mercado de drogas ilegais em Belo Horizonte, há um segundo momento em que o número de homicídios cuja motivação seja devido a conflitos relacionados ao mercado ilegal de drogas diminua. No caso deste artigo, acreditamos que isto passa a ocorrer em meados de 2003, ou seja, pouco mais de 6 anos após a imersão do crack no mercado de drogas existente. Por causa deste pressuposto, iremos incluir no modelo a mesma variável tempo descrita anteriormente de forma não-linearizada, ou seja, incluiremos a variável tempo elevada ao seu quadrado.

Assim, o modelo logístico neste segundo momento do trabalho pode ser descrito, matematicamente, da seguinte maneira;

$$P(HDI) = 1 / 1 + e^{-(\beta_0 + \beta_1 p + \beta_2 p^2 + \beta_3 p^3 + \beta_4 AF)}$$

⁶Conforme demonstrado anteriormente, o modelo logístico utilizou como co-variáveis os períodos de 1997 a 2004, de 2005 e 2006 e arma de fogo como instrumento utilizado no crime.

Onde, $P(\text{HDI})$ é a probabilidade que ocorra um homicídio cuja motivação é devida a drogas ilícitas, β_0 é o intercepto, β_{p2} é a estimativa para o tempo, β_{p3} é a variável tempo elevada ao seu quadrado e β_{AF} é a estimativa para homicídios cometidos com utilização de arma de fogo. Deste modo, o cálculo da regressão logística apresenta os seguintes resultados:

Tabela 4 – Efeito do tempo e da presença da arma de fogo sobre os homicídios

Regressão logística: efeito do tempo (variável normalizada) e presença de AF sobre homicídios relacionados ao crack						
	Coef.	Erro Padrão	z	P> z	Intervalo de Confiança de 95%	
Intercepto	-2,60053	0,2561407	-10,15	0,000	-3,102556	-2,098503
Tempo (anos)	0,1354006 (1,144995)	0,0546412 (0,062564)	2,48	0,013	0,0283057 (1,02871)	0,2424954 (1,274425)
Tempo (quadrado)	-0,0099186 (0,9901305)	0,0074105 (0,0073374)	-1,34	0,181	-0,0244429 (0,9758534)	0,0046058 (1,004616)
AF	1,275236 (3,579547)	0,2665411 (0,9540965)	4,78	0,000	0,7528254 (2,12299)	1,797647 (6,035431)

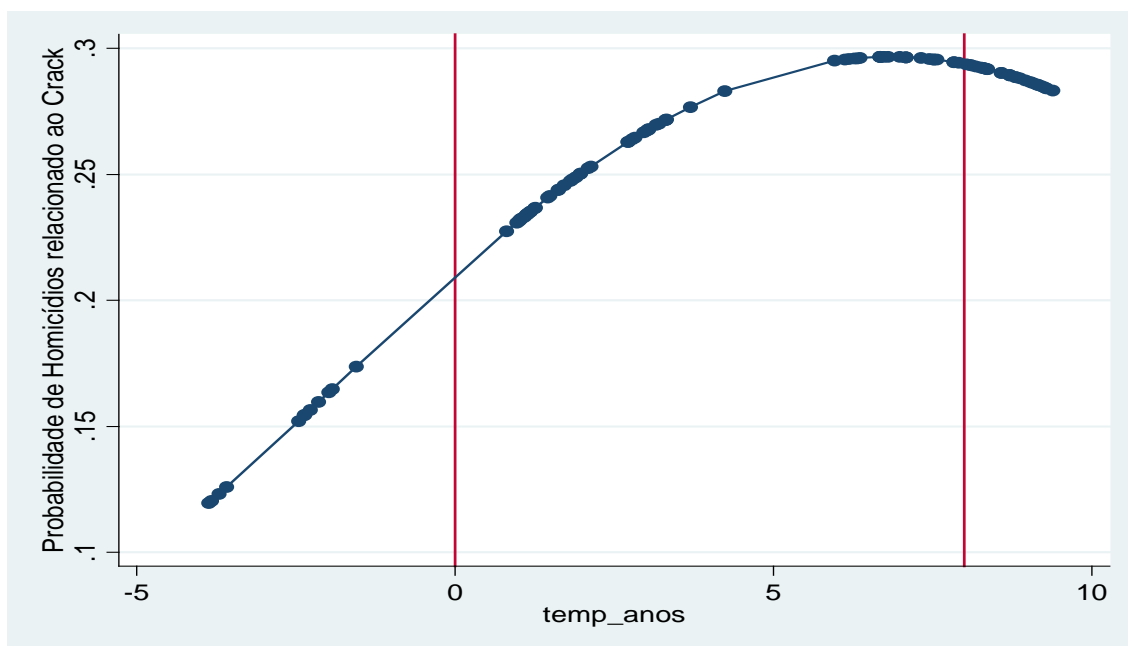
* Os valores do *odds ratio* estão apresentados entre parênteses

Como se pode verificar a partir do modelo logístico no qual são apresentados os resultados das estimativas dos parâmetros exponencializados (*odds ratio*), a medida de tempo (em anos) e arma de fogo (meio utilizado) se mostram estatisticamente significantes a um nível inferior a 5%. Por outro lado, o parâmetro estimado para a covariável que representa o quadrado da variável tempo não mostrou estatisticamente significativo. Embora esta última covariável não tenha atingido um nível de significância estatística usual, confirmando uma mudança de padrão com relação aos homicídios decorrentes do crack nos últimos anos da série de dados considerada, procuramos, mesmo assim, observar o comportamento dos valores preditos das probabilidades pelo modelo ao longo do tempo.

Do ponto de vista analítico, os resultados são interessantes, como se pode observar pelo gráfico a seguir. No período anterior ao que se considera a entrada do crack na cidade de Belo Horizonte (tempo em anos inferior a 0 no eixo X do gráfico) observa-se, com o passar do tempo, um aumento na probabilidade de que se tenha um homicídio cuja relação da motivação tenha envolvimento com o mercado de drogas ilícitas. A partir do momento considerado o marco da entrada do crack em Belo Horizonte (eixo X do gráfico igual a 0), as probabilidades aumentam rapidamente passando de valores próximos a 0,2 para valores aproximados a 0,3 momento em que,

como assinalado pela linha vermelha no gráfico, as probabilidades tendem a assumir um comportamento de inversão.

Gráfico 2 – Valores preditos das probabilidades ao longo do tempo



Ainda no gráfico acima, as linhas verticais indicam os 2 momentos no tempo considerados relevantes nesta pesquisa. A primeira linha, que coincide com o valor 0 do eixo x, destaca as probabilidades de ocorrência de homicídios relacionados ao tráfico de drogas na cidade, exatamente a partir do momento em que se considera o marco da disseminação do “crack” em Belo Horizonte. A segunda linha vertical já indica o momento subsequente à explosão do mercado ilegal do crack na capital. Verifica-se que os valores preditos das probabilidades tendem a assumir gradativamente índices que indicam uma reversão da tendência observada anteriormente nos últimos anos da série.

Os resultados obtidos mostram que há uma forte evidência de que o crescimento das ocorrências de homicídios em Belo Horizonte a partir de 1997 possa ser explicado, em grande medida, pela intensificação dos conflitos relacionados ao tráfico de drogas. Comparando o gráfico de número absoluto de homicídios em Belo Horizonte com o gráfico dos valores preditos das probabilidades decorrente de homicídios cuja

motivação tenha sido o tráfico de drogas, observa-se um comportamento muito similar ao longo do tempo, ou seja, o crescimento das probabilidades a partir do momento considerado de disseminação do tráfico em Belo Horizonte que se deu em 1997 coincide com o início da epidemia de homicídios nesta cidade que teve seu ápice em 2004, momento no qual começa a ser verificada a reversão das probabilidades embora não tenham sido estatisticamente significante pelo modelo.

3. O MERCADO DO CRACK⁷

É nossa pretensão identificar as especificidades do mercado de crack que o relacionam com o aumento das taxas de homicídio em Belo Horizonte, já atestada no item anterior. Os dados levantados em campo, através de metodologia qualitativa, nos permitem afirmar que as estruturas através das quais se desenvolve o mercado de drogas ilícitas não necessariamente devem ser pensadas como estruturas altamente identificadas e organizadas, apresentando uma composição de papéis rígida e definida verticalmente. A complexidade do mercado das drogas, em termos das relações e atores envolvidos, nos possibilita uma leitura de estrutura em rede. Uma dinâmica que se realiza como um emaranhado de conexões, nós ou pontos que se ligam a partir de várias “aberturas”, interesses e/ou condicionantes de participação múltiplos e posições fluídas.

A definição de uma estrutura pela diversidade de interações que lhe são correspondentes nos leva a considerar que aquilo que se analisa como rede é a dinâmica de um conjunto de interações que emergem como uma forma. Capra (2001) salienta que as redes devem ser entendidas como formas, resultado de uma dinâmica de conexões que fazem emergir um padrão de organização. As modificações no processo de conexão entre os componentes resultam em modificações no padrão de organização como um todo.

⁷ Os dados empíricos que fundamentam as análises desse item foram obtidos mediante a realização de entrevistas semi estruturadas com 19 traficantes atuantes ou que atuaram nos últimos dois anos em Belo Horizonte e municípios vizinhos. Desse total, 15 traficantes estavam na ativa, desenvolvendo suas atividades comerciais normalmente. Outros quatro entrevistados, por sua vez, estavam cumprindo medidas socioeducativas de internação.

Na dinâmica de funcionamento da rede, destacam-se os preceitos significativos. Um deles é a integração voluntária das conexões, ou seja, o que explica a ligação dos nós de uma rede é a identificação de valores e objetivos comuns entre os pontos. Se adotarmos esse preceito para os contextos sociais em que a atividade de comercialização de drogas se insere, podemos afirmar que a decisão dos indivíduos pela integração à rede de comercialização local passa tanto por uma escolha racional, em um leque de baixas ou altas oportunidades, quanto pela identificação dos valores locais e sociais que o tráfico implica.

Outro preceito discutido nas redes é a autonomia relativa dos nós que compõem uma rede (Scherer Warren, 2006). A princípio, uma rede poderia ser vista como ausente de referências centrais. No entanto, em um padrão de organização, podem ser identificados alguns nós que atuam como hiperlinks, centros mais dinâmicos e/ou centrais na rotina de funcionamento de uma rede (Capra, 2001). As diversas conexões de uma rede, ainda que possam ter uma dinâmica mais autônoma de movimentação, necessariamente têm que estabelecer algum tipo de ligação com esses centros e, até mesmo, uma forma de subordinação.

Em nosso estudo destacamos quais são os hiperlinks e a maneira de conexão que as redes estabelecem com eles. A estrutura de formação, padrão de ação e vínculos que uma rede estabelece a partir dessas múltiplas lideranças são também configuradores de uma dinâmica de conflitos nas redes mais ou menos ampliada.

Para discutir o cenário em que os conflitos relacionados ao mercado do crack estão relacionados a homicídios, descrevemos a seguir a dinâmica de duas redes, a rede de empreendedores e a rede de bocas. Nossa intenção é identificar as especificidades dos componentes de cada rede que a torna mais ou menos conflituosa

3.1 A rede de empreendedores

A rede de empreendedores é uma estrutura descentralizada, que tem como referência central sujeitos empreendedores, *hiperlinks* que são referências conectoras de uma rede de comercialização de drogas. A dinâmica dessa rede configura-se por um conjunto de nós interligados a esse *hiperlink (o empreendedor)* com o objetivo inicial de obter o produto por ele comercializado. Esse acesso ocorre através de um sistema de referência mediado, principalmente, por relacionamentos tais como grupos de amigos ou indicações.

Os *hiperlinks* atuam de maneira relativamente autônoma em relação às estruturas mais ampliadas de produção e/ou distribuição de drogas, locais ou não, a que eventualmente possam estar ligados. Nessas redes ampliadas, dinamizam-se os procedimentos garantidores do fornecimento dos produtos comercializados pelos empreendedores e todas as relações que isso implica. Nesse sentido, a autonomia do *hiperlink* nunca é absoluta.

O estudo identificou que a formação da rede de empreendedores tem início em situações diversas. Todas elas indicam um perfil profissional mais independente do hiperlink, um indivíduo que atua de maneira mais empreendedora e relativamente isolada. A atividade de fornecimento e comercialização de drogas desse nó conector pode ter sido derivada da existência de algum membro na família do qual se herda ou se atua de maneira conjunta, pela inserção desse indivíduo em uma rede de relacionamentos em que o uso de drogas está presente ou a atividade de comercialização de drogas é exercida, pela decisão de investimento na atividade devido à posse de algum capital, pela opção por mudança de profissão que é exercida de maneira concomitante à comercialização da droga até um ponto em que uma cede lugar à outra. O elemento definidor desse limite não foi identificado pela pesquisa de maneira precisa.

Em todos os casos pesquisados uma variável foi comum aos hiperlinks: o uso da droga comercializada antes da atividade tomar a dimensão de participação em uma rede de empreendedores.

“O cara começa a trabalhar para alguém, é correto, acerta com ele direitinho – é uma relação de confiança(...) Se o lucro do cara é bom, tem boa saída de droga ele começa a terceirizar a venda. Então ele se torna traficante, ou seja, o cara que distribui, que abastece a atividade.” (Ex traficante entrevistado)

Os resultados da pesquisa apontam que, atualmente, esta estrutura é formada pela comercialização de maneira predominante de cocaína e, em menor escala, de maconha. A decisão pelo tipo de droga comercializada é mercadológica, mas também diz respeito aos tipos de riscos e à reputação inerentes ao produto comercializado. Os integrantes dessa rede atuam como referências para acesso ao produto para grupos mais restritos, grupos de relacionamento pessoal, com poder aquisitivo capaz de estabelecer uma relação comercial predominantemente em termos monetários e não numa situação

de escambo, ainda que esse formato também tenha sido identificado como presente na relação comercial.

A reputação é uma das principais razões da não comercialização do crack pelas redes de empreendedores. Na rede pesquisada há uma rejeição pelo perfil desse cliente. Na medida em que a rede de empreendedores expõe os hiperlinks em um determinado circuito de conexão, a exposição a que podem ser submetidos pela ligação com usuários de crack pode comprometer a reputação dos mesmos. Segundo os entrevistados, o usuário do crack é compulsivo, aciona os fornecedores de maneira muito intensa. A intensidade desse acionamento é garantida, também, pela prática de alguns delitos, roubos em especial, fato que não só condiciona a relação comercial a escambos, como também atrai maiores riscos para a atividade do hiperlink desta rede.

“Eu é que não quero vender pedra. É só neguinho feio, sujo, mindigo!”(traficante entrevistado)

“Pedra é pra baixa renda. Se quiser crack você vai encontrar na favela. Lá é mais arriscado, você vai tomar pulo da polícia, cê tá na mão de bandido”. Diferente daqui que a entrega da droga é delivery, É menos público. Aqui é bem aparentado, cê não dá nada para um cara que é vendedor.” (traficante entrevistado)

Uma rede permanece ativa quando é sustentável em extensão, volume e capacidade de manutenção das conexões estabelecidas pelas relações a ela inerentes. A formação e solidez de uma rede de empreendedores dependem de uma dinâmica social de pertencimento a grupos com aos quais se possa compartilhar valores que gerem novas conexões. Um exemplo desses valores partilhados na rede de empreendedores são as atividades de sociabilidade tais quais festas, churrascos, encontros em bares. Essas atividades consolidam o uso de uma determinada droga como algo inerente ao grupo. Por sua vez, esses encontros são fundamentais para a manutenção e/ou extensão das conexões que liga os nós dessa rede em termos comerciais.

O perfil de usuários conectados na rede de empreendedores é de pessoas que exercem algum tipo de atividade remunerada, possuem escolaridade média e estrutura familiar regular. São empreendedores, em geral, maiores de idade, com suporte financeiro para sustentação do uso, possuem laços de amizade com os quais

compartilham essa prática e estendem o uso para lugares nos quais suas atividades de sociabilidade são exercidas (festas, encontro em bares, casas de amigos etc.).

O pertencimento a uma ou várias redes de sociabilidade mostrou ser um diferencial do perfil do consumidor da rede de empreendedores. São pessoas percebidas pelos *hiperlinks* como carreando valores relacionados ao trabalho, rede de amizades, desfrute de atividades de lazer, atividades que impliquem a presença de mulheres e bom nível financeiro. Dos entrevistados ouvidos não houve nenhum tipo de associação do usuário de cocaína ao adjetivo viciado.

“o carinho que usa cocaína é pra ir pros barzinhos, tomar cerveja com os amigos, frequenta lugares, tem mulheres” (traficante entrevistado)

“O pó tá pela ordem, a maioria trabalha, quer curtir uma balada, aplicá as muié.” (traficante entrevistado)

Os processos produtivos da rede de empreendedores são definidos, no âmbito mercadológico, por movimentos intensos ocorridos nas conexões entre fornecedores e usuários. Esse movimento está baseado em maior ou menor envolvimento entre os pontos conectados e em certo nível de subordinação entre eles. A dinâmica estabelecida por uma conexão inicial (um usuário) que se liga a um hiperlink (indivíduo fornecedor/vendedor) por um tipo e qualidade de produto disponibilizado não necessariamente permanece ao longo do tempo com uma definição estática de papéis.

No decorrer do relacionamento entre esses pontos de conexão foi recorrente o relato de um movimento interno da rede em que o ponto conector usuário passa a ocupar eventualmente a posição do hiperlink, ou seja, torna-se referência de fornecedor. Sem necessariamente querer e/ou poder assumir uma referência como hiperlink, um consumidor pode formar uma rede específica em que é referência de revenda do produto. Este movimento faz com que um usuário possa compor uma rede de conexões próprias, independente das conexões do hiperlink ao qual está ligado. Essas situações acontecem quando o usuário compra uma quantidade maior do produto para revenda ou revende uma parte do que compra. O objetivo mais relatado para esse tipo de movimento na rede foi custear o uso.

A pesquisa verificou que, geralmente, as conexões advindas desse movimento na rede de empreendedores são mais restritas, reduzidas aos grupos de relacionamento

direto do usuário (local de trabalho, ambiente de estudo, parentes, amigos) e aos seus interesses mais imediatos (ser fornecedor em uma festa, datas/eventos especiais).

“ O cara pega 14. Paga 10 e fica com 4. Faz o que quiser. A maioria cheira. Mas tem que ser conhecido, indicado” (traficante entrevistado)

A importância adquirida por este nó tanto na sua rede própria quanto na do hiperlink daí em diante será determinada em função da posição que conquistar como fornecedor nessas novas conexões. Se o lugar ocupado nesse movimento corresponder somente aos interesses transitórios descritos acima, não há alteração significativa de papéis. Mas se a atividade intensificar-se e houver intenção de mudança, teremos na rede a formação de mais um hiperlink.

“Saí trabalhando em uma festa. Mostrei que tinha capacidade de venda. Hoje domino uma região, mas eu não passo pra outro.” (traficante entrevistado)

“A 1ª vez eu peguei foi com xxxx .Peguei a confiança dele.Não fiquei nem meia hora e voltei com o dinheiro. Comecei a pegar de novo...” (traficante entrevistado)

A convivência entre os hiperlinks na rede de empreendedores pode ou não ser pacífica. Em geral essa rede apresentou conflitos mais controlados uma vez que as conexões de cada um são advindas de redes de relacionamento mais direto e, portanto, relativamente diferenciadas entre elas. O processo é de colaboração e não há interposição entre os hiperlinks no aspecto comercial.

3.1.1 Conflitos na rede de empreendedores

A dinâmica de uma rede é desencadeadora de seus problemas sistêmicos, os conflitos inerentes à formação e o movimento das redes. Deve-se salientar que são as situações de conflito que expõem a complexidade de composição dos integrantes de uma rede e sua atuação mais orgânica. Os conflitos tornam mais visíveis os lastros ocultos da rede, identificam um perfil de ação, de resposta e os agentes principais implicados em certo episódio. Finalmente diríamos que um conflito, na sua forma de aparição e resolução, também torna perceptível o padrão inerente ao processo de

conexão dos pontos constituintes de determinada rede. Isso significa que não necessariamente sempre haverá um mesmo formato para todas as redes. Há uma dimensão espacial e cultural na sua configuração.

Na rede pesquisada identificou-se que os conflitos mais recorrentes são de natureza marcadamente comercial, internos ou externos à rede. No entanto, questões pessoais, de caráter mais subjetivo, também, podem ser desencadeadoras de conflitos. No âmbito de nossa análise os conflitos são caracterizados por situações de violência física contra um indivíduo, embates entre grupos armados resultantes ou não em homicídios.

Um exemplo de conflito de natureza pessoal ocorrido durante nosso período de campo foi interno à rede. O fator desencadeante dessa situação diz respeito à personalidade de um hiperlink. Esse indivíduo era considerado “exibicionista” por alguns integrantes da rede. Divulgava de maneira aberta sua posição de hiperlink, portava armas e produtos nos locais que freqüentava, independente de seu caráter público ou privado (bares ou casas de amigos) e em situações de excesso (uso de álcool ou drogas), exibia-os como indicativos de poder. Sua maneira de atuar na rede era considerada, por um dos nossos entrevistados, como “*outdoor*”, “*esporrento*” e perigosa em termos da exposição dos integrantes da rede. Durante nosso período de campo esse indivíduo foi eliminado da rede por assassinato.

Em termos dos conflitos de natureza mercadológica, tanto interno quanto externo à rede, um deles é advindo da qualidade do produto ofertado. Os dados levantados indicam que a qualidade do produto é um dos condicionantes da força de atuação, manutenção e acesso de conexões de uma rede. Portanto, atua como variável fortemente associada a conflitos. A reputação de qualidade do produto fornecido por um hiperlink é fundamental para que possa se posicionar como referência de comercialização. Uma vez que os pontos conectores na condição de usuários têm autonomia para transitarem em outras redes de hiperlinks, a quebra da referência de qualidade do produto é rapidamente comunicada na rede, podendo este hiperlink deixar de ocupar esse lugar referencial.

A perda da referência de qualidade de um produto ofertado por um hiperlink gera conflitos de complexidade e extensão imprevisíveis, uma vez que a ramificação das redes torna imprevisível a repercussão de suas ações. Vamos exemplificar um desses conflitos. Em um dos campos pesquisados havia dois grupos de comercialização (duas redes), tendo cada qual uma composição de hiperlinks e seus respectivos nós

conectores. Em determinado momento, um dos grupos passou a distribuir uma qualidade diferenciada do produto acarretando uma migração dos seus nós conectores (usuários) para a rede de comercialização concorrente. Esse fato gerou um conflito entre grupos, que até então disputavam seus consumidores de maneira relativamente pacífica. No decorrer do confronto houve uma disseminação de situações de violência na região afetando ambas as redes. Agressões físicas, vinganças que originaram homicídios, desintegração da composição de hiperlinks da rede por desligamento voluntário, membros foragidos devido a mandatos de prisão, homicídios ocorridos por situações diversas e prisões, inclusive de um nó central da rede (fornecedor dos empreendedores).

Outra situação geradora de conflito está relacionada à qualidade do produto quando os nós representados pelos usuários se mesclam/ocupam lugar de fornecedores. A ampliação do acesso a maior quantidade do produto adquirido junto a um fornecedor, como vimos, depende de circunstâncias transitórias ou permanentes. Em ambos o alcance dos objetivos dessas ações depende da capacidade de venda individual do usuário, que por sua vez está condicionada à sua inserção em redes relacionamento as quais têm que possuir força de demanda e capacidade de remuneração.

Em outras palavras, somente se obtém sucesso no processo de revenda se o lucro for suficiente para repor o gasto com a droga consumida, possibilitar manutenção ou aumento do consumo e ainda quitar a dívida junto ao fornecedor. Essa última variável é de maneira recorrente a que mais gera conflitos.

“Fulano trabalha pra mim, tal dia eu recebo. Na hora que eu chego pra acertar com meu gerente ele não quer nem saber...” (traficante entrevistado)

“Eu não dou problema pra ninguém. Eu resolvo os meus. Eu vou arcar com R\$200, R\$ 500,00 quase mil. Eu reponho, mas vou querer de volta. Aí é que dá problema!” (traficante entrevistado)

Os dados levantados indicam que de, maneira geral, o usuário quando atinge elevado patamar de dependência em relação à droga acaba fomentando situações de conflito com seu fornecedor. Sendo assim, o seu uso se sobrepõe ao negócio, ele deixa de “cuidar da mercadoria do traficante”. Nessas situações ocorre “uma malhação” da droga, quer dizer, mistura da parte sobre a qual se avançou, “para dobrar”, ou a diminuição da quantidade fornecida em cada embalagem. A compra de menor quantidade pelo mesmo preço não necessariamente compromete aquele que revende,

mas sim o empreendedor. Ele responde, de maneira indireta, pelo tipo de movimento que seu ponto conector realiza.

No caso da “malhação da droga” as conseqüências são diminuição ou perda da clientela e da reputação e descrédito entre os membros integrantes da rede de usuários. Em um circuito comunicativo rápido e descentralizado, a rede troca informações sobre o padrão de qualidade do produto que está circulando. Esse mesmo circuito comunicativo tanto pode ser veículo de descrédito quanto fonte de informação de outro centro distribuidor cuja qualidade é superior.

“ Maioria morre porque é viciado e dobra a droga” (ex traficante entrevistado)

“Quem usa muito pó, além de não ter dinheiro, ele compra lá 5 e ele tem que revender. Ele compra 5, cheira 3 as outras duas gramas ele tem que revender, ele mistura com Reidrat, vende as outras duas pra ele comprar mais, batiza o restinho, ele tem que fazer esse círculo.” (ex traficante entrevistado)

Outra situação de conflito, mas que não se relaciona à qualidade do produto diz respeito ao processo de endividamento por “derrame” da droga. Esse fenômeno ocorre quando todo o produto que se adquiriu para comercialização foi totalmente utilizado e não ocorreu o movimento da revenda para pagar o consumo. Uma dívida é então estabelecida com o empreendedor e para além da dívida, são situações que envolvem uma quebra de ética desse mercado que, se não reparada, é resolvida com situações extremas, tais como o homicídio.

Um relato dessa situação diz respeito ao assassinato de uma integrante da rede pesquisada que estava grávida de 7 meses. Um hiperlink repassou uma parte da droga a fim de ganhar velocidade de retorno financeiro e saldar suas obrigações com a firma. No entanto, segundo depoimento do informante, essa jovem deu “derrame” na droga, ampliando a dívida do fornecedor. Buscando solucionar seu problema pessoal, o empreendedor repassou o ocorrido para a firma. O posicionamento da firma foi de não envolvimento com a solução do conflito, mas exigência de que o empreendedor resolvesse sua dívida. Essa posição assumida implicaria que a não solução acarretaria uma punição não, necessariamente, da pessoa que deu “derrame” na droga, mas do fornecedor, pois o ponto de conexão da firma é com esse hiperlink e não com a sua rede de clientes.

“Ninguém manda em você (...) eles sabem que através de você entra o dinheiro para eles. Mas o dinheiro tem que entrar. A minha dívida não é igual a dos outros.” (traficante entrevistado)

A rede de empreendedores, pensada como uma organização em rede, não é desprovida de uma estrutura mais centralizadora, chamada pelos hiperlinks de firma. A estrutura central da rede está sob o comando de um grupo restrito de pessoas, em geral familiares (pai e filho ou irmãos). Na rede pesquisada, os grupos eram comandados por homens. A posição de comando central da firma é conhecida por gerente. O curioso é que os empreendedores também se auto intitulam gerentes. No entanto, quando o hiperlink utiliza o termo gerente para referir-se a si próprio ele está dizendo que, em última instância, é responsável pelo gerenciamento da sua rede de conexões. Mas também, porque se assume enquanto tal, ou seja, um empreendedor. Ele não se posiciona como um empregado da firma, mas como quem mantém com ela um relacionamento comercial, obviamente nos padrões específicos de uma rede comercial ilícita, pois a firma é fonte fornecedora do produto comercializado pelo hiperlink.

“Firma é o nome que colocaram para falar como se fosse uma empresa. È uma empresa, dá lucro, emprega, só não paga imposto” (traficante entrevistado)

Quando o termo gerente é utilizado como referência para um cargo exercido na firma o sentido ganha a dimensão de comando e dos papéis a ele vinculados. O gerente ocupa posição vital na rede de empreendedores. Referencia padrões de ação, capacidade administrativa e de acumulação, respeito e autoridade, mas sempre a referência de um lugar considerado passageiro pelos integrantes da rede.

“A firma tem aqueles que são de confiança, os chegados, que irão assumir o lugar do gerente quando alguém é preso. É alguém que tem disposição para assumir esse lugar.” (traficante entrevistado)

A dinâmica de atuação do gerente em uma rede de empreendedores é aberta, pouco centralizada, não tendo envolvimento com toda a extensão da rede. As questões geradas no processo de funcionamento da rede, quando chegam ao nível do gerente são administradas segundo o perfil desse comando, que tanto pode ser de mais quanto

menos negociador. Esse perfil, inclusive, parece estar relacionado a uma dinâmica mais ou menos violenta da rede.

“Um dos que recebe aqui é a força, o outro é o negociador” (traficante entrevistado)

“(...) Tem que ser mau e há um reconhecimento do nível de maldade (...) o respeito é a única coisa que há.” (ex traficante entrevistado)

“Eu tenho crédito. Eu tinha uma dívida e negocieei em 12 meses, mas paguei!” (traficante entrevistado)

Na rede pesquisada, o gerenciamento da firma é compartilhado com outros componentes vinculados por desempenho de papéis, sendo o de ‘faxineiro’ o mais citado. No entanto, esse comando demonstrou ser ocupado por cargos que têm peso tanto administrativo quanto simbólico, sendo a agressividade e o uso da violência um destaque importante desses papéis.

3.2 A rede de bocas

Boca é referência de um espaço físico, constituindo-se como um ponto comercial para a venda de uma droga ilícita. É o lugar, e não os indivíduos, que atua como hiperlink para a formação das conexões dessa rede. As bocas constituem suas conexões em rede a partir de dois formatos: uma rede de comercialização hierarquicamente centralizada, uma “*firma*”, reconhecida como pertencente a um padrão. Apresenta estrutura hierárquica de poder e divisão de atividades de trabalho assemelhando-se a uma empresa. Outro formato são as redes de conexão iniciadas por um grupo de indivíduos, ou um único indivíduo, que assume a autoridade da revenda em um local, um ponto, mas não necessariamente apresenta uma estrutura empresarial hierárquica, ainda que possua alguma divisão de tarefas e possa vir a se constituir como uma rede centralizada devido ao avanço de suas conexões.

A dimensão territorial é variável imanente à rede de bocas. Sua formação em uma determinada localização é dimensão estratégica em termos de uma referência como ponto de venda. Mas também, o território é um espaço simbólico que caracteriza a boca como uma atividade específica ali desempenhada. O pertencimento de um

grupo/indivíduo se relaciona a esse local consolidado como próprio de uma atividade ilícita aceita ou tolerada pelos que habitam nessas regiões.

“A boca, ela pode ser uma rua, um beco. Boca não tem um lugar específico. Vamos supor, eu sou um traficante pesado, eu venho aqui e falo não véi, tá tomado, agora aqui é a minha Boca. Chega no local e começa a vender, só isso! Sempre vai ter cliente, droga sempre tem freguês.” (ex traficante entrevistado)

Ainda que seja uma atividade espacialmente definida, as bocas são campos relativamente isolados nos territórios em que se instalam. Elas devem resguardar-se de áreas de grande circulação que as exponham de maneira excessiva. Em geral, instalam-se em lugares que lhes garanta visibilidade do tipo de ir e vir que ali se realiza. Esse fator lhes possibilita um deslocamento rápido, quando necessário, e segurança, tanto aos que nesses lugares exercem a atividade do tráfico quanto para os que habitam nas proximidades.

“Até o local da boca é muito escolhido por ser um ponto estratégico, passagem das pessoas pelo local, local que a própria comunidade aceita, as crianças não brincam, há um acordo. Se você fizer nisso em outro local gera mais problemas.” (ex traficante entrevistado)

“ A boca fica em um canto na favela, uma ponta de bico” (traficante entrevistado)

A formação das redes de boca pode ser derivada de situações distintas. Nas redes de grupos o fato desencadeador identificado pela pesquisa foi de baixa ou nenhuma estruturação. As conexões são restritas a um grupo local, cuja ligação pode ser primeiramente pelo objetivo de encontro para uso de uma droga ilícita. Nesse caso, a sociabilidade, geralmente de conhecidos e/ou amigos, foi o fator que interligou os nós iniciais dessa rede. Esse sistema de referência definido por um valor de sociabilidade, ao longo do tempo, forma uma rede mais consolidada de comercialização. A circulação de informação sobre o local torna-lhe uma referência que aos poucos solidifica esse espaço como um ponto de venda que passa a ser assumido como propriedade de um grupo. O uso freqüente é fator que conecta outros usuários que, também, buscam um local para partilhar o uso e, eventualmente, adquirirem os produtos ali utilizados.

“A boca tinha um dono. Quem mandava era eu e meu amigo. Ninguém ia vender na minha boca não. Era uma turma que fazia uso e alguém começou a vender pra suprir o uso. Eu assumi aquele ponto de venda.” (ex traficante entrevistado)

No caso desse tipo de rede, a comercialização é inicialmente estratégia de sustentação do uso de drogas. Obter uma quantidade maior de produtos do que normalmente se consome, e que possa ser disponibilizada para comercialização, é uma das formas pelos quais se garante a continuidade desse uso.

“Começa muitas vezes dentro de colégio, aí começa a ter as pessoas que chamam e tudo mais, por querer aparecer mesmo, na juventude, de querer ter fama, ter boas mulheres e tudo mais. Aí sempre tem um que já era mais velho e se interessa por aquilo e começa com um pequeno tráfico mesmo e por aí vai e aquela pessoa não quer mais aquele poder pequeno, já quer um poder maior, uma arma melhor. (ex traficante entrevistado)

Outra situação identificada pela pesquisa é a rede formada por pequenos comerciantes, nós isolados. É uma situação empreendedora em que indivíduos, de forma relativamente autônoma, estabelecem-se comercialmente a partir da implantação de um “ponto de venda”. É um processo derivado da pulverização de uma rede maior já existente que se estende em uma localidade a partir da instalação de várias bocas. Estes pontos de venda estão ligados às firmas, grupos ou fornecedores já atuantes na região para os quais esses empreendedores em algum momento atuaram na condição de vendedores.

“Uma área que possui muitas bocas é uma área boa para vender. Mas elas pertencem a um só grupo, uma firma.” (traficante entrevistado)

No caso das redes de boca centralizadas, as firmas, instaladas nos grandes aglomerados, têm sua formação inicial relacionada à conexão estabelecida entre um ou mais membros de uma comunidade e um fornecedor fora dela. Essa ligação entre os nós permite a instalação de um ponto de venda cuja estrutura é marcada pela presença de um gerente, figura central desse tipo de rede, e de pessoas a ele conectados na condição de pertencentes ou trabalhadores da boca.

As firmas possuem propriedade relacionada a um indivíduo com força real e simbólica. É uma figura de referência forte, com poder de decisão sobre a dinâmica da rede. É chamado de patrão e é considerado como aquele que “põe a droga no lugar.” Não necessariamente é morador local, nunca está presente no lugar em que a boca está instalada e pode ser proprietário de uma ou mais bocas em locais distintos. Em geral, não é conhecido pelo grupo que trabalha diretamente conectado a essa estrutura na posição de vendedores (pequenos traficantes). Seu contato é mais restrito ao gerente.

“(...) Tem essa divisão nas firmas, o patrão que traz que geralmente não fica nessas Bocas fica o gerente mesmo, e a gente acha que o gerente é que é o patrão, muitos gerentes fazem de patrão...” (traficante entrevistado)

“Esses dois não moram na favela, vêm aí de vez em quando. Hoje em dia eles não moram na Vila, a condição financeira deles é boa, tem carro, casa, sitio... E eles só colocam amigos e conhecidos de confiança no comando, na gerência” (traficante entrevistado)

O gerente é conexão central na rede centralizada. Sua atuação assemelha-se a um hiperlink. Diríamos que a referência de uma boca como um hiperlink de uma rede confunde-se com a figura de gerente. Seu papel é de grande responsabilidade e com atividades multivariadas. Encarrega-se do embalo, distribuição da mercadoria, contagem, aferição de lucro, distribuição de tarefas, decisão sobre a forma de resolução dos problemas e acerto de contas e administração dos recursos humanos que passam a estar sob sua responsabilidade. *Os entrevistados* sempre se referem ao gerente como alguém que tem “disposição”. Isso pode ser traduzido na capacidade de incorporação de um papel de liderança na firma. Gerenciar uma boca significa representar um “patrão”, agir em nome dele, garantir-lhe sucesso empresarial, retribuir com capacidade administrativa a confiança que lhe foi outorgada.

“O gerente de boca, ele tem que ser o “linha de frente” mesmo. Na verdade ele tem que ser um camarada que bate de frente, tem que estar preparado pra matar a qualquer hora e tem que dar lição para as pessoas que devem.” (traficante entrevistado)

Na medida em que o conceito de rede permanece com referência analítica, tal qual descrito na rede de empreendedores, os componentes participam não só na

constituição da rede, mas também na sua autotransformação. No que diz respeito à rede de bocas, a dinâmica das conexões, internas ou externas à rede, é uma das variáveis definidoras do seu processo de autotransformação. Destacaremos a seguir que de maneira predominante o movimento das conexões internas está mais diretamente correlacionado a esse fenômeno. Os nós conectores que dinamizam a comercialização na rede de bocas são de duas naturezas. Uma conexão externa, de relacionamento mais indireto com a rede. Nesse caso, são indivíduos na condição de usuários ou fornecedores de outras bocas que não são moradores dessas regiões onde se localizam as bocas, mas que possuem a informação sobre como acessar essa rede. Essas conexões se estabelecem somente nos momentos de demanda por uma droga e a frequência e forma de acesso é instável.

A dinâmica das conexões comerciais externas é obviamente fundamental para a manutenção da rede, pois garante sua razão de ser, o comércio da droga. Com exceção dos agentes de segurança pública, são ligações com um grau de penetrabilidade relativo no movimento interno da rede. No âmbito das conexões internas verifica-se um relacionamento forte entre os nós e dinâmica complexa. Essas conexões são compostas pelos indivíduos moradores das regiões onde as bocas estão instaladas. Podem ser usuários e/ou membros integrados à rede de comercialização e que ocupam posições diversas, prestadores de serviços locais, dentre outros possíveis nós conectores.

No caso das redes centralizadas é freqüente a existência de nós “sustentadores”, um grupo fortemente conectado entre si e ao gerente. O conjunto de conexões formado pelos nós sustentadores faz referência a um poder constituído por relações de confiança e identificação de pertencimento que referenciam uma boca. O papel dos nós sustentadores é de suporte, uma sustentação na dinâmica comercial de uma rede, tendo sido nomeados por alguns entrevistados de grupo, quadrilha, facção. Esse suporte é de natureza diversa, tal como segurança, negociações, resolução de conflitos.

Um dos movimentos mais dinamizadores de uma rede de bocas é o das conexões dos moradores locais que querem se integrar à dinâmica de comercialização e que atuam na linha de frente da comercialização. Podem estar conectados na condição de vapores ou guerreiros (vendedores), aviões (acionam os vendedores e entregam a droga), correria (deslocamento entre bocas), olheiros, fogueteiros (acionadores da segurança), faxineiros ou ratos (cobradores e matadores).

Em geral, estas conexões são compostas por jovens a partir dos 12 anos, ainda que a pesquisa tenha identificado que nas firmas a presença de jovens abaixo dessa

idade é freqüente, que se conectam com o objetivo de obter um trabalho e renda, benefício de acesso à droga e integração simbólica. O acesso a um pertencimento é, também, um produto ofertado por uma Boca.

*“A boca é uma família, porque boca sem união não é boca”
(traficante entrevistado)*

Essas conexões são dinâmicas e centrais na rede e são os nós que apresentam um alto nível de vulnerabilidade. Na medida em que pertence a uma rede, deve representá-la garantindo a dinâmica de entrada e saída do produto, seja na condição de vendedor ou no exercício de outra atividade própria dessa rede. A partir do momento em que se liga à rede, seu movimento passa a girar em torno de conexões altamente conflituosas: sua rede de boca, as demais bocas e os agentes da segurança pública. Seu movimento na rede é regulado e transitório. Sua inserção e manutenção dependem da capacidade de domínio da sua atuação. No entanto, essa conexão tem baixo poder de controle e ampliação sobre o seu desempenho, não só pela fragilidade pessoal que lhe é inerente, mas porque está sujeito aos demais movimentos dos nós da rede, cuja atuação reestrutura ou elimina essa conexão.

*“Eu tô falando, o vapor pode ser morto tanto pelo patrão da boca dele, pelo gerente ou pelo gerente e o patrão de outra boca. Ele fica no meio mesmo, ele é um lixo da comunidade.”
(traficante entrevistado)*

“Quando a policia chega e apreende, o menino fica devendo aquela droga, tem que trabalhar, se virar depois pra pagar aquela droga. Aí a policia vem novamente e prende, leva dinheiro, celular, droga, rádio, então isso tudo o menino tem que pagar. O rádio, se foi o “Atividade” ou o “Contenção” que vacilou ao avisar, esquecem ou avisam errado, eles quem pagam(...) (ex traficante entrevistado)

No decorrer do relacionamento entre as conexões pode haver mobilidade de posições dos nós, sendo que cada um desses movimentos, de forma autopoiética, rearticula o formato da rede. Nesse sentido, a movimentação na rede de bocas pode, por exemplo, deslocar uma conexão de usuário para a de vendedor da boca; de vendedor para dono de um ponto de venda (no caso da pulverização de bocas de uma firma).

Finalmente, uma mobilidade menor que é a passagem da conexão de gerente de boca para patrão.

No entanto, uma rede de bocas tem como característica a tendência à centralização. Os nós integrantes da rede são muito definidos por papéis, ainda que possa haver uma pluralidade deles. O deslocamento dos papéis está relativamente condicionado a diretrizes internas definidas de forma mais hierárquica ou é originado de substituições/eliminação nas situações de conflito que trataremos a seguir.

“(....) a boca é rotativa, inclusive pelo índice de violência ser muito grande, morre muita gente na boca.... o traficante não vai tá lá não, porque ele já morreu, mas se você volta lá a boca vai tá no mesmo lugar. A boca continua no mesmo lugar, o traficante não, ele morre!” (traficante entrevistado)

“Eu era o cabeça na boca. Fui levantando. O Zé jogou uma carga na minha mão. Fui crescendo, tinha conceito com o patrão de BH. Eu achava que eu ia ser patrão. Cada um tem um objetivo, eu queria ter uma casa, uma família(...)aí alguém mandou passar o cerol na minha boca...” (ex traficante entrevistado)

3.2.1 Conflitos na rede de bocas

Tal qual observado na rede de empreendedores, a dinâmica de qualquer rede configura as contradições, questões e conflitos que lhe são próprias. No âmbito desse trabalho, caracterizamos como conflitos nas redes de boca as situações de violência que, em geral, resultam em homicídios. Os dados levantados indicam que o perfil socioeconômico é variável importante para a compreensão da relação entre a rede de bocas e a violência.

A centralização indica domínio sobre um território socialmente frágil e, portanto, mais propício para a ação de um grupo centralizador que se impõe com força real e simbólica nessas localidades. A imposição de poder local necessariamente gera despotismo, tais como regras privadas de controle e resolução de conflitos, restrição do direito de ir e vir, porte de armas para constrangimento, dentre outras formas de dominação que possam atuar como garantia de prevalência de poder.

*“Os moradores e comerciantes pagam uma espécie de pedágio para manter a segurança (...) pegam, por exemplo, um tanto de cestas básicas de um supermercado por mês, para que ele possa realizar seu comércio, entrega e funcionar na região.”
(ex traficante entrevistado)*

Uma das variáveis identificada com as situações violentas diz respeito à dimensão de cultura do mercado de bocas. As práticas de violência inerentes a esse mercado parecem se espalhar para todo o tecido social local e passam a ser incorporadas como usuais nas localidades em que as bocas estão instaladas. Esse fator parece indicar força maior na configuração dos conflitos, que aparentemente não se restringem ao âmbito das bocas, mas que na maneira como se resolvem incorporam as formas típicas de resolvê-los.

A afirmação acima pode ser exemplificada nos conflitos de natureza pessoal. Os relatos demonstram que até em situações em que uma disputa ou mal entendido ocorre, resoluções extremas e/ou a prática de homicídio apresentam-se como resposta obrigatória ao ocorrido. Mas não necessariamente há uma questão comercial como o fator desencadeante do conflito.

“Essa guerra não foi em função da droga foi em função, de como a gente fala assim mesmo, da pilantragem. Pilantragem que a gente fala é um pegar o outro pelas costas, aí foi por isso que começou essa guerra. Na verdade, foi por causa de uma mulher. Aí não sei o que aconteceu lá, que um camarada daqui de baixo matou uma menina de uma camarada lá da XXXX, daí estourou essa guerra!” (traficante entrevistado)

Os conflitos de natureza comercial identificados são advindos de questões internas às redes, ou seja, relacionados, de maneira mais recorrente, às situações que implicam os agentes envolvidos na comercialização, mas que, também, dizem respeito ao tipo de produto que atualmente predomina nas redes de boca, o crack. Podemos afirmar que essa droga potencializou e estendeu os conflitos na rede de bocas.

Os resultados da pesquisa apontam que a decisão pelo tipo de droga comercializada nas bocas é estritamente mercadológica, não tendo sido encontrada nenhuma referência à dimensão de reputação como fator decisório, tal qual foi verificado na rede de empreendedores. Atualmente as redes de boca comercializam de maneira predominante o crack, ainda que também a cocaína e maconha sejam vendidos.

No entanto, esses produtos foram apresentados como tendo, nesse momento, menor peso comercial.

“Maconha todo mundo tem e todo mundo ganha, agora o plantão da pedra é o melhor.” (traficante entrevistado)

“ O crack é ouro!” (traficante entrevistado)

“Eles não se interessam em vender maconha que é barato, interessa vender o crack. Porque o crack é uma droga pequena, de consumo muito rápido, a pessoa vai voltar toda hora, é muito viciante.” (ex traficante entrevistado)

“ A pedra vale a pena, não acaba nunca, um fala pro outro, pega e pronto. Neguinho quer fumar o dia todo, vem de novo, tá noiado, vira 4, 5 noite.” (traficante entrevistado)

“A maconha dá movimento, cheiro e pouco dinheiro. É pra quem mexe com coisa pequena!” (traficante entrevistado)

O domínio do crack nas bocas relaciona-se com os conflitos de natureza mercadológica, sendo o mais recorrente o processo de endividamento que envolve tanto os usuários, conexões externas, quanto às conexões internas, ou seja, os indivíduos que atuam na rede exercendo papéis de frente na comercialização. Os relatos apurados demonstram que o crack potencializou as situações de endividamento na rede por uma questão relacionada ao seu principal efeito farmacológico: compulsão ao uso. Aliado a esse efeito, temos uma droga de valor relativamente alto tendo em vista o perfil socioeconômico que predomina entre os usuários.

“É caro "pra carai"! Se você pega 10 reais de maconha, você faz 6, 7 cigarro, você usa de manha, à noite e depois vai... por isso que hoje em dia os caras nem fazem muita questão de maconha, eles vendem mais crack, que dá mais dinheiro, e é uma droga que controla mais o ser humano.” (traficante entrevistado)

No caso do endividamento do usuário, os relatos indicam que não necessariamente ele está propenso a ser vítima de uma situação de violência devido à sua dívida, a não ser quando quebra os procedimentos em relação aos débitos. Isso significa que dever não é um mal em si, mas a traição sim. Por exemplo, se um usuário está devendo uma boca e compra de outra ele está infringindo um código local,

denunciado, inclusive, entre Bocas concorrentes. A negociação é possível desde que esse devedor seja percebido como portador de atitudes coerentes em relação ao seu débito tais como não demonstrar uso ou não realizar outra compra antes de quitar a dívida.

*“O traficante não mata o usuário porque ele tá devendo. Ele mata porque ele é um sem vergonha e tá devendo e foi comprar na outra Boca. É nessa situação que ele mata o usuário. Se ele comprou num pagou, mas num tá devendo, não tá usando, o traficante segura mais a onda. Mas se vê que ele tá chapado, tá tirando mercado dele, ‘cê tá achando que eu sou otário?’”
(traficante entrevistado)*

É necessário ressaltar que um dos complicadores da situação de endividamento com o crack diz respeito a uma impossibilidade de exercício de uma prática que é comum no mercado de drogas, o repasse. Como já ressaltado anteriormente, é próprio dessas redes um movimento interno das conexões em que um conector usuário passa eventualmente a ser conectado por referência de revenda do produto. Nesse movimento constitui sua rede de conexões próprias, independente das ligações com o link anterior do qual obtém a droga. Esse movimento sustenta e estende a rede até o ponto máximo em que cada um dos seus pontos de conexão consegue se espriar. Nessa ampliação da rede o usuário garante, também, o seu uso a partir do próprio produto, fator que dinamiza a rede de comercialização.

No entanto, a capacidade de venda do vendedor/usuário fazer esse movimento, não depende simplesmente do seu voluntarismo, de um perfil empreendedor. Está, também, condicionada à sua inserção em redes relacionamento mais amplas. Grande parte dos que atuam como vendedores nas bocas pertencem a redes mais restritas pelo próprio fato da sua condição sócioespacial. Em geral, seus relacionamentos são os próprios moradores da região ou das proximidades, fato que restringe o público consumidor. Com o crack essa restrição acentua-se.

O usuário que compra uma quantidade maior de produtos para revenda ou revende uma parte do que compra para custear o seu uso não é muito comum na rede de comercialização do crack. Uma das explicações para esse fato é o perfil predominante do usuário, um indivíduo pobre, inclusive sem capital social que lhe permita inserções em redes mais amplas. Aliada a essa variável, o uso da droga é imediato, geralmente

na própria boca ou no entorno. A droga consome as possibilidades de circulação para além do próprio usuário. Os relatos mais frequentes foram de que o cliente do crack é um consumidor compulsivo, de alto consumo, um usuário que se imobiliza, aos poucos vai se tornando um “noinha”, um “mendigo que fica lá nos becos ou casinhas.”

Sendo assim, a rentabilidade do consumidor do crack para a rede não está relacionada às extensões advindas das redes de relacionamento dos usuários, mas à demanda sempre ampliada exigida por uma droga de consumo rápido.

“(...) pra nós, homens, falar que é assim melhor do que mulher é muito foda! Mas o crack é melhor do que mulher, sabe? Então, é assim, uma coisa bem forte pro homem chegar a falar, quando chega nesse ponto é porque é forte mesmo!” (traficante entrevistado)

“A pedra é neguinho que implora, não tem dinheiro, fica pedindo, é mais pesada.” (traficante entrevistado)

“(...) O pessoal que fuma pedra é bem mais pobre, e já está lá mesmo, então nem toma banho fica por lá mesmo. Não consegue ter outra atividade, não tem interesse de ter outra atividade...” (ex traficante entrevistado)

Outra variável de violência relacionada ao crack são os conflitos originados do “derrame” da droga, ou seja, a sobreposição do uso no montante da droga que tem que ser paga através da venda. Ao contrário de outras drogas, o crack não é um produto que permite “malhação” ou “dobra” que são estratégias para garantir geração de um *plus* a partir de uma quantidade de produto adquirido. Sendo assim, a incorporação do usuário à rede de comercialização para o sustento do uso e, portanto, o derrame, torna-se mais recorrente devido à fissura pelo uso.

Na cadeia de repasse, o derrame torna-se não somente um problema para o usuário, mas para o vendedor que repassou a droga para o usuário e que posteriormente tem que acertar contas com a sua boca. Os conflitos se estendem na medida em que a rede de conexões se amplia e há movimento dos papéis de seus integrantes.

“Agora tem nego que não fuma a pedra é a pedra que fuma o cara. Bandido que é bandido não é viciado. Cê tá vendendo 50 bolinho, cê vai queimar 10? Aí cê queimou o lucro todo!” (traficante entrevistado)

“O que acontece no nível violência de morte é no processo de passagem da droga. o que acontece muito é eu trabalhar pro cara e usar a droga do cara, sabe como é que é? Com o crack isso tá acontecendo mais, porque as opções para eu usar a droga: a primeira, trabalhar não dá, porque quem usa crack não dá, não consegue trabalhar. Você escolhe ou trabalha ou usa droga. E as pessoas geralmente escolhem usar droga. Ai sobra o quê?” (ex traficante entrevistado)

Assim, o processo de endividamento gerado pelo crack desemboca em outro tipo de conflito interno à comunidade e/ou seu entorno, o roubo. Esse tipo de delito torna-se prática comum na medida em que as bocas atuam muito por escambo. O trabalho de grande parte das conexões internas à rede é mão de obra remunerada por produto. Nesse sentido, tanto o dinheiro quanto algum tipo de bem atua como meio de troca para o produto. Esse fato valida o roubo como prática própria do comércio do crack. As situações de roubo podem ocorrer dentro da própria família, no entorno das Bocas ou dentro da própria região de moradia, sendo esse delito o mais passível de ocorrência de homicídio contra o usuário pelos próprios integrantes da rede.

“Ao redor dessas localidades o índice de pequenos assaltos já é maior, porque o noinha pra ele fazer uso ele tem que roubar e pra onde ele vai correr? Pra ali perto. Cê acha que ele vai correr pro alto da Afonso Pena, não ele corre pra boca Porque todo noinha que rouba ele não vai roubar pra outro lugar sem ser pra boca. A fissura do crack determina o local do assalto, do pequeno furto.” (traficante entrevistado)

“Porque a pessoa começa a consumir o crack e ele não tem dinheiro então ele vai começar a roubar, ele vai matar você por causa de um celular, matar você por causa de um tênis, de uma roupa, com certeza. Onde tem crack tem violência, porque quando o cara se torna dependente dessas drogas ele te “mete” um assalto, “mete” um revólver em você e quer seu tênis, quer seu celular, quer seu relógio (...) (traficante entrevistado)

“ (...) não tem um cara que está roubando aqui dentro da área pra fazer do produto que roubou, fazer dinheiro pra poder usar a droga. Ou seja, o cara rouba lá fora pra levantar o dinheiro pra comprar a droga aqui. Se o cara roubar aqui ele morre aqui! (traficante entrevistado)

Outra variável geradora de violência é a alta rentabilidade das bocas propiciada pelo crack. A disputa no mercado do crack não se dá em termos do valor de revenda da

droga. Esse valor já é estipulado em instâncias mais amplas da rede de comercialização de drogas em uma estrutura que começa nas redes internacionais de fornecimento da pasta base, passando pelos laboratórios de processamento da droga, pelos grandes distribuidores e chegando aos fornecedores locais com um valor fixo. Enfim, um centro de comercialização como a rede de bocas não determina o valor de uma droga.

A não alteração dos preços internamente foi relatada pelos entrevistados como uma estratégia inclusive de sobrevivência. Uma redução de preços levaria tanto a perda de lucro, pois os preços praticados são unânimes e isso não necessariamente ampliaria a rede de conexões, como levaria a uma situação de guerra aberta com outras redes.

“Se a pedra é 10 eu vou vender por 5 (...) todo mundo crescer o olho em mim, a polícia vai dar de cima de mim.” (traficante entrevistado)

“O preço é o mesmo, depende da qualidade da pedra. A pedra mais boa é a que ganha o território. Liquidação dá guerra, pedra de 10 eu vou vender a 5? A correria vai ser menor pra comprar.” (traficante entrevistado)

As situações geradoras de conflitos abertos, alguns denominados como “guerra do tráfico”, geralmente são originadas de um processo de concorrência primitiva qual seja, a tomada de uma boca. Esse fenômeno de maneira unânime foi chamado pelos entrevistados como de “olho grande”. A rentabilidade de uma boca atrai para si as atenções daqueles que atuam no mercado local. Essa situação dependendo da força maior ou menor dos controladores de uma boca pode levar à tomada de boca ou ao desmantelamento da mesma.

Outra situação é a guerra como uma ação de tomada de boca, a ocupação de um ponto de venda por um grupo ou indivíduo. Esse fenômeno é uma tomada em processo, ou seja, aos poucos os membros pertencentes a uma rede vão “atravessando” áreas já demarcadas por outras redes. Os relatos indicam que os confrontos não são entre os “donos”, mas sim entre os membros que estão conectados à rede no papel de vendedores. Assim, a guerra se realiza entre traficantes de uma boca contra outros pertencentes a outras bocas, fato que reforça a afirmação anterior sobre a vulnerabilidade das conexões que atuam na linha de frente da comercialização.

“Os meninos que trabalham pros caras do “XXX” estão na rua de trás, e os meninos que trabalham para os caras do “XXX”

estão na rua de cima. Só que a rua do “xxx” está vendendo mais do que a rua do “XXX”, então os meninos vão lá e acertam os meninos do “XXX” matam os meninos do “XXX” porque eles estão vendendo mais que eles. Então sempre vai ser assim. Onde estiver vendendo mais, o cara vai querer ir lá e matar o outro, para ele pegar o ponto dele, pros outros não venderem mais que ele.” (traficante entrevistado)

“Quando entra em guerra, quem tá na guerra quer “o cara”, o patrão, mas o patrão não é bobo, o menino é um instrumento, é uma ferramenta de trabalho, mais nada do que isso, igual a um objeto. Então ele é um objeto que é descartável é igual a esse copo aqui, copo descartável. Então por isso que eles morrem mais, é eles que estão ali rodeando a boca, com fronteiras pra olhar, é eles que estão fazendo essas rotas. Porque o vapor, na verdade, ele é um soldado da guerra.” (traficante entrevistado)

Finalmente, os dados indicam que quanto mais organizada e forte as conexões centrais de uma rede, menor será a probabilidade de ocorrência de conflitos internos à rede. Realização de acordos comerciais e distribuição de pontos de venda tendem a ser priorizados, evitando-se a disseminação de homicídios. Grandes conflitos atraem as atenções e uma exposição para além das conexões centrais podem levar a uma desestruturação radical da dinâmica de uma rede.

“Na região do XXX também tinha muita disputa e roubos de boca, onde praticamente só se vende crack. Tem um alto índice de homicídios. Agora está mais tranqüilo, pois o tráfico está mais organizado e a liderança tá bem definida.” (ex traficante entrevistado)

4. REDES DO TRÁFICO DE DROGAS E VIOLÊNCIA

Retomemos a questão inicial desse trabalho: o crack é uma droga que traz mais violência? É uma droga que pode ser responsabilizada pelo aumento das taxas de homicídios em Belo Horizonte? Em primeiro lugar, deve-se ter clareza de que a violência é própria das redes de comercialização de drogas ilícitas. O caráter de ilegalidade dessa atividade comercial, num contexto de elevada demanda pelo produto por ela oferecido, tende a fomentar situações de conflito resolvidas mediante o uso da

força física. Há uma violência sistêmica associada ao comércio das drogas ilícitas, conforme apontado por Goldstein (1985).

O senso comum prevalente na sociedade brasileira, frequentemente reforçado pelos meios de comunicação, concebe tal violência como atributo de uma atividade criminosa tipicamente organizada. O narcotráfico atuante nas favelas é tratado como uma organização estruturalmente fechada, com rigidez de papéis e que uma vez inserido há impossibilidade de desligamento. As situações de conflito, geradoras de violência e homicídio são explicadas, em última instância, por essa rigidez.

No entanto, os achados de nossa pesquisa nos levam a outra direção para pensarmos o fenômeno. Não parece que necessariamente os conflitos estão relacionados a uma estrutura rígida, mas à estrutura aberta de redes. Não identificamos organizações criminosas caracterizadas como empresas que possuem um corpo bem definido de funcionários e com estrutura hierárquica verticalizada que envolve todos os seus componentes. Podem ser qualificadas como organizações criminosas, sem dúvida alguma, mas que se estruturam como redes de relacionamentos, o que é bastante singular. Como já discutido, uma rede é sustentada pelas suas conexões e o arranjo dessa integração não é planejada em toda a sua extensão. Uma determinada ordem, uma estrutura de rede, é um processo emergente, condicionado pelas relações estabelecidas entre os indivíduos que a compõem.

O resultado de uma rede é um processo de auto organização, suas conexões se interpenetram, realizam trocas, participam na formação e distribuição dos sentidos que formam uma rede. No entanto, essa conectividade que a princípio deriva de uma integração voluntária, de uma identificação dos valores e propósitos geradores de vínculos, nos faz refletir sobre o perfil da violência em cada rede.

Na rede de empreendedores vimos que há uma dimensão de valor que não está somente relacionado aos interesses dos integrantes da rede, mas de valores mais ampliados nas redes sociais nas quais estas redes estão inseridas. A participação ativa dos nós conectores, que é garantidora da dinâmica de uma rede, também está relacionada aos sentidos e valores que são partilhados, não pela imposição material, física e simbólica. A violência, que inegavelmente está presente nessa rede, se impõe de maneira acentuada sobre suas conexões mais diretamente, não se impõe sobre as populações locais de maneira indiscriminada. Ademais, a integração à rede se realiza em um leque muito mais ampliado de escolhas sociais. É voluntária, racionalmente definida.

Outro elemento que parece explicar a dimensão de violência maior ou menor da rede de empreendedores é a decisão mercadológica pelo fornecimento de um tipo de droga. Os grupos de relacionamento em que predominam as redes de empreendedores têm nas situações de sociabilidade tanto um valor de uso quanto um valor de perenidade de uso. Por exemplo, é necessário participar de redes sociais diversas, inclusive de trabalho, para usar e sustentar o uso de cocaína.

Um último aspecto que deve ser destacado sobre a rede de empreendedores e sua relação com a violência diz respeito à concentração de poder. A pluralidade dos nós centrais, os hiperlinks, pode constituir-se como lideranças e gerenciar suas conexões. As lideranças são referências por características específicas e enquanto tais se destacam a partir de uma diversidade de grupos de relacionamento. A intensa sociabilidade é dimensão presente nessas redes.

Quando analisamos a rede de bocas, os dados indicam outras direções. São redes marcadamente territoriais. Sua estrutura e conexões são constituídas a partir de um território. Sua dinâmica implica em dominação. Como vimos, essas redes se instalam em territórios a despeito de uma deliberação local, naturalizam atitudes e comportamentos violentos, impõem um padrão de convivência como um fato consumado. No caso das firmas instaladas nos grandes aglomerados, a dominação se estende sobre as populações locais inclusive com restrições aos direitos fundamentais humanos e civis.

A violência dessas redes é mais constrangedora no que tange às relações comerciais estabelecidas. Sua dinâmica é garantida por conexões de jovens que buscam trabalho, renda e acesso. No entanto, a autonomia para integração a essa rede está relacionada a um baixo leque de oportunidades. O acesso à renda é facilmente consumido, inclusive, pelo principal produto fornecido pela rede.

As relações estabelecidas configuram-se como trabalho destituído de qualquer regra de seguridade, pelo contrário, a insegurança e sujeição à violência é moeda corrente. Essa violência é ainda maior se considerarmos que é trabalho remunerado em produto ou escambo originado de roubos.

Finalmente, a violência que se verifica nas redes de bocas diz respeito à decisão mercadológica pela venda do crack. Tudo o que foi destacado sobre os efeitos farmacológicos aliados à inserção dessa droga em populações pobres nos leva a considerar que estamos vivendo uma situação de vitimização dos pobres. A intensidade dos conflitos na rede de bocas é maior do que na rede de empreendedores. O processo

de endividamento no comércio do crack tende a ser mais intenso do que no comércio da cocaína em pó, a despeito do crack ser a cocaína na forma de pedra. E tal endividamento mais acentuado resulta dos efeitos farmacológicos singulares do crack em relação à cocaína em pó. O crack gera consumidores mais compulsivos e, conseqüentemente, mais endividados, conforme é relatado pelos traficantes entrevistados. O ‘derrame’ da droga acaba sendo mais freqüente na rede de bocas do que na rede de empreendedores. Os dados obtidos permitem-nos concluir, então, que o mercado do crack tende a disseminar a violência nas regiões onde predomina, incrementando a incidência de roubos e principalmente de homicídios. Em outros termos, o tráfico do crack tem o potencial de gerar epidemias de homicídios.

Merece ser destacado que a configuração do mercado do crack identificado na Região Metropolitana de Belo Horizonte não é similar àquela observada nas grandes cidades norte americanas no auge da epidemia do crack. Conforme argumento de Goldstein (1997), o mercado do crack nos EUA caracterizou-se pela presença de pequenos comerciantes, indivíduos relativamente empobrecidos, com poucas opções na economia formal, que se transformaram em produtores e vendedores de pequena escala. A presença de pequenos produtores de crack foi citada pelos policiais entrevistados como presente na realidade mineira, mas não ao ponto de configurar a estrutura do mercado da droga. A rede de bocas é a estrutura prevalecente no contexto social pesquisado.

Cabe-nos explicar, ainda, porque a deterioração gradativa dos homicídios em Belo Horizonte foi revertida a partir de 2005, consolidando-se nos anos posteriores, a despeito da disseminação do consumo do crack. O município de Belo Horizonte já acumula uma redução de 42 % no número absoluto de homicídios entre 2004 e 2009. A ação repressiva qualificada adotada pela Secretaria de Defesa Social, pautando-se pela prisão de homicidas contumazes como também pela presença mais ostensiva da PMMG nas regiões de maior violência, acabou por reduzir a letalidade dos conflitos oriundos do tráfico do crack. Uma força tarefa composta por policiais civis e militares da capital foi constituída em meados de 2005, tendo como principal tática a identificação, através da análise de inquéritos policiais envolvendo indivíduos que tinham cometido mais de dois homicídios e ainda se encontravam em liberdade. Mandados de prisão temporária e preventiva foram fornecidos pelas Varas Criminais, dando fundamento legal à operação. Mais de 100 homicidas contumazes foram presos no período de 18 meses. Um importante projeto de prevenção social da criminalidade, o FICA VIVO, foi implantado

a partir de 2004 nos aglomerados de Belo Horizonte que apresentavam os maiores indicadores de homicídios. Além de contemplar diversas ações de inclusão social de jovens em situação de vulnerabilidade social, o FICA VIVO envolvia a presença constante e comunitária da Polícia Militar nesses mesmos aglomerados, através dos Grupamentos Especiais de Patrulhamento em Áreas de Risco (GEPAR). Todas essas ações que perduraram até o ano de 2009, foram decisivas para reverter a epidemia de homicídios que assolava Belo Horizonte. (SAPORI,2007)

Sob tal perspectiva, a ação governamental foi capaz de impactar a incidência de homicídios mesmo numa conjuntura de disseminação do comércio e do consumo do crack. As evidências disponíveis apontam para uma autoregulação da violência no interior do tráfico do crack, resultante de decisão de patrões e gerentes das diversas redes de bocas de evitar ao máximo o cometimento de assassinatos. Prevaleceu a racionalidade mercadológica do tráfico de drogas, de modo que a sucessão de homicídios começou a atrair a presença da polícia nos principais aglomerados, fato esse que afeta diretamente a lucratividade do comércio da droga ilícita. Maior presença policial nos locais de venda da droga não é algo desejado pelos patrões e gerentes das redes de bocas, conforme depoimento de um traficante entrevistado:

“Pra matar tem quem pedir, porque senão quebra a boca. Os homi na boca, diminui o dinheiro.” (traficante entrevistado)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLUMSTEIN,A. – “Youth violence, guns and the illicit drug industry “
The Journal of criminal law & criminology vol. 86 n. 1 1995
- CAPRA, Fritjof – A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 3ed.São Paulo: Cultrix, 2001.
- GOLDSTEIN, P. – “ The drugs/violence nexus: a tripartite conceptual framework” Journal of drugs issues 14 . 1985
- GOLDSTEIN,P. et al – Crack and homicide in New York City in REINARMAN,C.,LEVINE,H. (orgs) - Crack in America . University of California Press 1997
- MESSNER,S. et all – “Policing, drugs and the homicide decline in New York City in the 1990s” Criminology vol 45 n. 2 2007
- SAPORI,L.F. – A segurança pública no Brasil : desafios e perspectivas
Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas. 2007
- SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais. Revista Sociedade e Estado v21, p.109-130, 2006a.
- ZIMRING, F. The great american crime decline
New York City Oxford University Press . 2007